
Editorial Do Jornal Nacional Das 500 Mil Mortes Por Covid No Brasil Como Vetor Para Outras Performances: A Reverberação Do Telejornal No Twitter¹

Michele NEGRINI²
Universidade Federal de Pelotas

Resumo: O artigo reflete sobre fluxos midiáticos mobilizados pelo editorial relativo às 500 mil mortes por covid no Brasil, levado ao ar no Jornal Nacional no dia 19 de junho de 2021, de modo a buscar entender como tal performance reverbera na rede social Twitter e aciona sensibilidades/sensorialidades sobre a morte e o luto pandêmico em rede. Partimos da perspectiva de que as produções audiovisuais são fluídas, reverberam em diversas plataformas e se expandem de forma rizomática (GUTMANN, 2021). As escrituras sobre a morte e o luto, mobilizadas em rede, a partir do editorial, podem ser vistas como tecnicidades. Serão convocados, para fins analíticos, o olhar de performance como incorporação (TAYLOR, 2013) e as perspectiva de vetor e de audiovisual em rede (GUTMANN, 2021).

Palavras-chave: audiovisual em rede; performance; morte; luto pandêmico; reverberação no Twitter.

ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Na seara contemporânea, as dinâmicas relacionadas à produção, circulação e consumo de conteúdo audiovisual têm passado por ressignificações a partir de um cenário permeado pelo desenvolvimento tecnológico, por movimentos das culturas e pela expansão das redes³. Esta conjuntura complexifica o processo de comunicação e denota a existência de produtos que não são acabados, mas fluidos e que reverberam em distintas plataformas com expansão de modo rizomático (GUTMANN, 2021).

No tocante ao espraiamento de produções audiovisuais em diversas ambiências conectadas, Gutmann (2021) assinala que o olhar para o audiovisual como um produto acabado “flopou” e que não há viabilidade do seu isolamento das complexas redes comunicacionais e culturais. Diversas manifestações audiovisuais, como videoclipes, shows, lives e eventos esportivos, vão além da perspectiva de um texto fechado e podem ser vistas “como uma coleção de *remixes* desses textos articulada a outras temporalidades, ambiências e corpos, em sequências múltiplas e instáveis” (GUTMANN, 2021, p.29). Os fluxos que perpassam, de forma intermitente, o audiovisual em rede, adentram em constituições emaranhadas e provindas de elementos com temporalidades múltiplas e heterogêneas, além de performances distintas. Nesta conjuntura, em que há uma desestabilização de propostas do audiovisual com fluxo único, chega-se a formatos expandidos e difusos, delineados de forma relacional.

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Jornalista. Doutora em Comunicação pela PUC-RS. Professora da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: mmnegrini@yahoo.com.br.

³ Entendemos rede tomando o olhar de Gutmann (2021), ao refletir sobre audiovisual fluido em diversos ambientes: “[...] a acepção de rede aqui tomada para pensar a experiência com esse audiovisual heterogêneo, múltiplo e conectado não se confunde com plataforma, ainda que com ela se relacione. Rede neste ensaio é o espectro social pelo qual as audiovisuais se expressam (em termos mesmo de amplitude e intensidade que o sentido de espectro carrega). Seria o próprio tecido (em rede) do audiovisual, a linguagem de nosso ecossistema pela qual se configuram os fluxos e mutações culturais, nos termos de Martín-Barbero”. (GUTMANN, 2021, p.15)

Abordando o audiovisual em rede, Gutmann acrescenta que se refere “[...] ao audiovisual que não está lá simplesmente engavetado para ser acionado quando supostamente ‘entro’ no YouTube, mas aos audiovisuais que me atravessam porque ‘estou’ no YouTube, no Instagram, no Twitter, no Facebook, no TikTok, no Twitch”. (GUTMANN, 2021, p.20-21). O pensamento de que não estamos mais em movimento de entrada e saída da rede, mas que habitamos nesta ambiência, adentra em olhares para a ideia de entorno tecnocomunicativo (MARTÍN-BARBERO, 1995), que pode ser convocada para pensarmos a televisão e o telejornalismo e suas expansões e reverberações. O entorno tecnocomunicativo pode ser acionado como um ecossistema complexo, no qual os sujeitos se expressam e são vistos no âmbito da rede. Como diz Gutmann (2021, p.24):

O entorno tecnocomunicativo é convocado para designar o contexto das relações comunicacionais/culturais/sociais/sensíveis atuais, cujas mediações não se constituem simplesmente nos e nem pelos meios, mas enquanto tramas de imagens, sons e textos verbais, que nos fazem ver destabilizações nos tempos e espaços e deslocamentos identitários. Trata-se de uma ambiência conformada por um processo complexo de interação e contaminação entre meios, gêneros e formas, especialmente audiovisuais, que destabilizam os discursos próprios de cada meio e respondem por transformações nos nossos modos de fazer/ver/interagir/sentir. (GUTMANN, 2021, p.24)

Ao falarmos que estamos inseridos em um ecossistema complexo, em um entorno tecnocomunicativo, cabe falar em sensorium. “[...] Martín- Barbero busca complexificar a ideia de *sensorium* como possibilidade de acessar novas formas de ver e sentir o mundo” (GUTMANN, 2021, p.24). Para Gutmann (2021), o sensorium está relacionado aos modos de percepção de uma época, que podem ser distintos e controversos. É relacionado com sensibilidades e sensorialidades.

Na perspectiva de que habitamos em um entorno tecnocomunitivo e de que nossa percepção de mundo é relacionada às sensibilidades de uma época, temos subsídios para olhar especificamente para o jornalismo como indo além das telas convencionais e dos espaços hegemônicos e como tendo apropriações distintas, nos mais diversos espaços. Em relação ao telejornalismo, práticas cotidianas, que vão desde os modos de fazer até as pragmáticas de circulação e consumo, veem-se engendradas por um arcabouço perpassado pelas dinâmicas das redes. A constituição da pauta é atravessada por ideias provindas de ações interativas dos espectadores. A exposição de conteúdo rompe com o espaço do dispositivo televisivo convencional e adentra em uma expansão ágil. E as perspectivas de recepção são atravessadas por mediações múltiplas, que se ancoram em ritualidades⁴ diversas e conduzidas por uma esfera heterogênea. Ao falarmos da expansão do audiovisual para outros espaços, consideramos que ele adentra como um vetor de engatilhamento de reverberações diversas. Sobre vetor, compartilhamos o olhar de Gutmann (2021):

A ideia de vetor remete a um acontecimento que não é mais unitário e fechado em si, mas dispara e mobiliza fluxos de imagens, sons, informações, práticas sociais e rituais que nos dizem sobre

⁴ No mapa das mediações, proposto por Jesus Martín-Barbero (2008), uma instância mediadora apresentada é a ritualidade, que se mostra entre formatos industriais e competências recepção. “A ritualidade é a mediação que conecta os formatos industriais com as competências da recepção e remete-nos ao nexos simbólico que sustenta toda comunicação” (GOMES, 2011a, p.120).

identidades e suas disputas. Também não é difundido apenas por um meio específico, mas se espalha por diversas ambiências e é constituído de modo enredado por variadas expressões (por isso em rede). O vetor seria uma possibilidade de constituir, no movimento analítico, esse tecido material. (GUTMANN, 2021, p.71; grifo nosso).

O jornalismo televisivo, em toda a sua complexidade, a qual é atravessada pelas dinâmicas atuais de produção, circulação e consumo, se expande para múltiplas telas e é vetor para reverberações em muitos espaços. Emerim (2017) aponta que este tipo de jornalismo é tecido para ser partilhado em locais diversos: “[...] Telejornalismo seria um jornalismo feito para ser distribuído para e/ou ao longe, ou ainda, transmitido para lugares distantes, muito mais do que um jornalismo para ser exibido apenas numa tela de visão (definição mais comum do aparelho televisão)” (EMERIM, 2017, p.116). O jornalismo para telas adentra, de forma potente, no pensamento de Gutmann (2021) sobre o audiovisual em rede. No enredamento das audiovisualidades, especificamente do telejornalismo, cabe convocar olhares sobre coberturas do Jornal Nacional (JN) em relação à pandemia do coronavírus, à morte e ao luto pandêmico e suas expansões e reverberações. Notas, notícias, reportagens, corpos e performances diversas apresentadas no JN extravasaram o espaço do telejornal e reverberaram, através de fluxos dinâmicos, em emaranhados de comentários, curtidas, compartilhamentos em outros ambientes, como redes sociais.

Pautado nos argumentos aqui apresentados, este artigo tem como foco a reflexão sobre fluxos midiáticos⁵ mobilizados pelo editorial do JN relativo às 500 mil mortes por covid no Brasil, que foi ao ar na edição de 19 de junho de 2021, de modo a fazer reflexões e ponderações sobre como tal performance reverbera na rede social Twitter e aciona sensibilidades sobre a morte e o luto pandêmico. O protocolo analítico é ancorado em discussões sobre audiovisual em rede e vetor (GUTMANN, 2021), além de performance como incorporação (TAYLOR, 2013). Vamos mobilizar, também, olhares para sensibilidades/sensorialidades e tecnicidades como mediações (MARTÍN-BARBERO, 2008). Lembrando que a noção de audiovisual em rede é basal para o desenvolvimento do processo analítico, tendo em vista que vamos nos focar no editorial do JN das 500 mil mortes por covid como um vetor para mobilização de manifestações de expressões audioverbovisuais relacionadas à morte e ao luto pandêmico.

TECNICIDADES E SENSORIALIDADES/SENSIBILIDADES COMO MEDIAÇÕES

Como estamos abordando o jornalismo para telas, sua inserção em um entorno tecnocomunicativo e sua reverberação em distintas plataformas, perpassado por fluxos e com imersão em uma ambiência fortemente conectada, achamos relevante tratarmos o telejornalismo enquanto uma forma cultural e enquanto

⁵ Sobre fluxos, Gutmann (2021) assinala: “Fluxos são compreendidos pela ideia de mobilidade, transição, articulação de imagens, linguagens, matrizes. Acompanho a interpretação de Ferreira (2019) de que os fluxos (culturais), em Martín-Barbero, têm a ver com modos específicos de sentir, ver e fazer que põem em articulação sensibilidades, afetos e políticas através não apenas de imagens e informações, mas de audiovisuais”. (p.57)

perpassado por liames da cultura. Desta forma, faz-se potente, para o desenvolvimento deste artigo, termos embasamento em considerações acerca do telejornalismo como como uma construção social (GOMES, 2007), devido a ser desenvolvido no contexto de uma formação econômica, social, cultural e por ter funções significativas nesta conjuntura. E, também, cabe apontar que temos fundamentação em Raymond Williams (1997), quando aciona o olhar para o telejornalismo como uma forma cultural. Assim, entendemos o telejornalismo como uma processualidade desenvolvida na cultura e para ter circulação e consumo no âmbito cultural, sendo perpassado por mediações.

Também, como estamos assumindo o editorial do JN em relação às 500 mil mortes por covid no Brasil como performance e como vetor para outras performances, reverberando em diversas plataformas, estamos tomando a materialidade telejornalística como tecnicidade e acolhendo o olhar de que o telejornal tem um espaço de engatilhamento de sensibilidades/ sensorialidades acerca da morte e do luto pandêmico; e estamos assumindo, também, que estas mediações estão inscritas nas instâncias de um entorno tecnocomunicativo (MARTÍN-BARBERO, 1995) formado pelas relações do telejornal com manifestações nas redes.

Em relação a mediações culturais, Lopes (2018, p.14-15), para pensar acerca do tema, toma como fundamentação olhares de Jesús Martín-Barbero

- a) a comunicação hoje é uma questão de mediações mais do que de meios de comunicação;
- b) a mediação constitui uma perspectiva teórica compreensiva tanto dos processos de produção, do produto, como da recepção;
- c) todo o processo de comunicação é articulado a partir das mediações (LOPES, 2018, p.14-15).

No tocante à observação de que o processo comunicativo é permeado por mediações em sua totalidade e que elas não se restringem ao contexto receptivo, Lopes (2018) ainda assinala que não há uma definição única para mediação e que é uma definição plural, chegando-se a mediações. Ronsini (2010) também enuncia na mesma direção, salientando a importância da observação do processo de comunicação como um todo. “Nesta reflexão, defendo, em primeiro lugar, que a perspectiva de Martín-Barbero é uma proposição para abarcar o processo de comunicação e não somente o processo de recepção [...]” (RONSINI, 2010, p.1).

Ao falar de mediações, Gutmann (2021, p.38) convoca os olhares de Martín-Barbero sobre o assunto, salientando que o pensador colombiano “[...] convoca movimentos de rupturas e deslocamentos em relação a questões e respostas sobre a comunicação e suas relações com a cultura e a sociedade em determinado tempo-espaço”. A questão das mediações evoca relações entre comunicação, cultura e sociedade e implica diretamente nas formas de produção, circulação e consumo do audiovisual.

No tocante à observação do processo comunicativo em sua totalidade e das mediações culturais, mostra-se potente convocar o mapa das mediações, de Martín-Barbero. De acordo com o pensamento de Gomes, Santos, Araújo e Mota Júnior (2018), a configuração dos dois eixos do mapa das mediações é um

fator que permite a Martín-Barbero a incorporação de uma proposta metodológica focada na observação das heterogeneidades de temporalidades.



FIGURA 1: Mapa das mediações de Martín-Barbero. Fonte: Gutmann (2014).

Santos (2014), ao falar sobre o mapa das mediações, assinala que o eixo diacrônico se dá entre as matrizes culturais (MC) e os formatos industriais (FI). Ele aciona a ideia de que as matrizes culturais são formadas por elementos que marcaram uma cultura e que os formatos industriais são relacionados aos programas propriamente ditos. Já em relação ao eixo sincrônico, ele se dá entre as lógicas de produção (LP) e as competências de recepção (CR). O autor aponta que há mediações que são estabelecidas entre matrizes culturais, formatos industriais, lógicas de produção e competências de recepção. Para pensarmos nos fluxos midiáticos mobilizados pelo editorial do JN das 500 mil mortes por covid e sua reverberação em outras performances, vamos nos deter na tecnicidade.

Gutmann (2021) diz tomar as materialidades audiovisuais como mediação de tecnicidades. “Tecnicidade é aqui o lugar teórico para pensar a tecnologia, suas competências de linguagem, novas textualidades e modos de uso e de ação”. (GUTMANN, 20021, p.17). Discorrendo sobre o olhar de Martín-Barbero para a tecnologia, Brignol (2018, p.128) assinala que o estudo das dinâmicas da comunicação em rede exige que o olhar vá para além do aparato técnico, “[...] mas como novos modos de linguagem e percepção, novas sensibilidades e escrituras. Assim, as apropriações diversas e nem sempre previsíveis das tecnologias podem configurar novas formas de saber e maneiras inventivas de intervenção social”.

Ronsini (2010) reflete sobre o conceito de tecnicidade em relação ao mapa das mediações. Para a autora, o conceito de tecnicidade vai além do papel de mediação entre lógica de produção e de formatos industriais. “Por sua centralidade na organização social, ela percorre o circuito inteiro, modelando a ritualidade, a socialidade e a institucionalidade, vale dizer, modela todas as relações porque se define como o estatuto social da técnica” (RONSINI, 2010, p.7). Ainda de acordo com Ronsini (2010), a tecnicidade pode ser visualizada como um organizador perceptivo.

Juntamente com as tecnicidades mobilizadas, vamos tomar também sensorialidades/ sensibilidades como mediações, pois acreditamos que elas se fazem potentes para pensar no telejornal como performance e em como mobiliza performances em rede sobre a morte e sobre o luto pandêmico. Como diz Gutmann (2021, p.59):

Tecnicidades e sensorialidades não são vistas como “duas”, mas como coproduções que se habitam. Com as tecnicidades, compreendemos as gramáticas de uso dos dispositivos que constituem, justamente, o sujeito, o cultural, as sensibilidades. O termo sensorialidade é adotado aqui, no lugar do correlato semântico “sensibilidade”, para pôr em primeiro plano os sentidos e afetos inscritos no e pelo corpo.

Os usos da tecnologia, a constituição da materialidade audiovisual (especificamente telejornalística), que é abordada por Gutmann (2021) como tecnicidade, e as sensibilidades mobilizadas se fazem profícuos para pensarmos na constituição de performances telejornalísticas sobre a morte e o luto pandêmico e sobre suas reverberações em performances em rede.

PERFORMANCE COMO CHAVE METODOLÓGICA

Para pensar os fluxos midiáticos mobilizados pelo editorial do JN relativo às 500 mil mortes por covid no Brasil, observando suas reverberações na plataforma Twitter, faz-se potente a convocação de reflexões sobre performance, tomando-a como uma chave metodológica. Lembrando que ao falarmos na materialidade audiovisual como tecnicidade, manifestamos nossa preocupação em entender as formas expressivas e culturais do telejornalismo, pensando em performances, corpos, imagens mobilizadas, recursos utilizados, além de convenções do jornalismo envolvidas. Como diz Gutmann (2021, p.54):

Quando nosso olhar se volta para o lugar do corpo como forma expressiva dessas audiovisualidades, [...], vemos que tecnicidades agenciam performances que se reverberam, na instância de consumo, enquanto mediação de ritualidade, remetendo às trajetórias de leituras, gostos, afetos e saberes, aos “repertórios”, conforme Diana Taylor (2013). O corpo, a gestualidade, os enquadramentos de câmera, os cenários, os tipos de edição, as plataformas, as sequências agenciadas pelos algoritmos etc. são dimensões de tecnicidades e também nos dizem sobre possibilidades (indiciais) da experiência de consumo.

No tocante a discussões sobre performance, é pertinente a convocação do olhar de Richard Schechner, em sua obra “Performance studies” (2006), que aborda a assunto como sendo comportamento restaurado, duplamente experienciado. Sobre a definição de Schechner, Silva (2005) aponta que o autor aborda a performance como uma atividade cultural dinâmica, que é reelaborada ao longo do tempo, mas com conformações idênticas a outras práticas. Gutmann (2015, p.5) aciona olhares de Schechner (2006), identificando que performance como comportamento restaurado acena para convenções e para práticas repetidas que constituem rituais:

Essa proposição encontra fundamento em Richard Schechner (2006), que, ao conceber a performance como um “mostrar fazer”, amplifica a abordagem assumindo que esta pode ser pensada como toda atividade humana (na vida cotidiana, nas artes, nos negócios, nas tecnologias, etc.). Para ele, a possibilidade de acesso a essa dimensão estaria no sentido de comportamentos restaurados (*restored behaviors*), pelos quais atuam as convenções. Performances são comportamentos restaurados, comportamentos duplamente experienciados, ações realizadas e para as quais as pessoas treinam e ensaiam; práticas repetidas que constituem rituais, situações, identidades, narrativas e novos padrões (SCHECHNER, 2006).

A remissão à ideia de convenções pode ser buscada para observarmos performances telejornalísticas, principalmente quando falamos em telejornais de referência, como o Jornal Nacional, que apesar de serem ressignificadas com as transformações da cultura, mantêm elementos hegemônicos e que fazem parte das rotinas televisivas. No caso do JN, elementos de diversas temporalidades (WILLIAMS, 1979) coabitam, mas é perceptível que bases, como dois apresentadores sentados em uma bancada, usando roupas formais, se perpetuam, compondo performances permeadas por convenções.

Gomes *et al* (2017, p.142-143) acenam o pensamento para a performances em relação a contextos e marcas constituídas culturalmente: “Convocamos performance para olhar o corpo numa relação com a cena, pensando nos rituais que conformam os usos corporais e como ele aciona marcas históricas contextuais”. Nesta seara, Gomes *et al* (2017, p.143) retomam a visão de Schechner:

Compartilhamos com Schechner (2006) a compreensão de performance como uma negociação de marcas culturalmente construídas, que se materializam nos corpos e se expõem em jogos de partilhas entre aquele que realiza a performance e aqueles que a consomem. Para o autor, performance seria algo que se configura quando o contexto histórico e social, as convenções, os usos e as tradições dizem que é.

O pensamento de Schechner, abordado por Gomes *et al* (2017), de mobilizações performáticas com relações ao contexto histórico e social, a convenções e tradições, nos remetem às reflexões de Diana Taylor (2013) sobre o assunto. A autora aborda performance como incorporação e como forma de transmissão de conhecimento. “As performances funcionam como atos de transferências vitais, transmitindo o conhecimento, a memória e um sentido de identidade social por meio do que Richard Schechner denomina ‘comportamento reiterado’”(TAYLOR, 2013, p.27). Sobre performance como transmissão de conhecimento, a autora ainda assinala: “Ao levar a performance a sério, considerando-a como um sistema de aprendizagem, armazenamento e transmissão de conhecimento, os estudos da performance nos permitem ampliar o que entendemos por conhecimento (TAYLOR, 2013, p.45).

Taylor (2013) aponta que pensar performance como incorporação, no sentido de trazer para o corpo, nos remete às perspectivas de arquivo e de repertório. Ela acena que o repertório está relacionado à memória se incorporando a performances, enquadrando gestos, oralidades, enfim, a conhecimentos que são mais efêmeros. No jornalismo televisivo, o repertório pode se relacionar às corporalidades dos jornalistas/apresentadores ao levar uma notícia ao ar, ao enunciar um assunto e ao se manifestar diante do público, levando em conta convenções que perpassam o espaço telejornalístico e que, na maioria das vezes, são práticas hegemônicas, que guiam posturas e que se mostram como um código “implícito” de conduta frente às câmeras e atrás delas. Também é cabível situar que a tessitura do jornalismo televisivo em sua totalidade é perpassada por repertórios que são conformados pela própria cultura telejornalística. As corporalidades dos sujeitos de fala no jornalismo e as composições que se circundam uma performance em nível pandêmico também são permeadas por repertórios sociais em relação à morte e ao luto. No caso do JN,

há marcações que são oriundas de especificidades das visões ocidentais e brasileiras sobre a morte e sobre o luto⁶.

A performance do editorial do JN em análise também é perpassada por demarcações específicas do momento pandêmico, que convocou ressignificações nas práticas jornalísticas para a televisão. Com a pandemia, performances telejornalísticas passaram por ressignificações para atender para o momento sanitário mundial – as formas de relacionamento entre jornalistas e fontes foram ressignificadas, os trabalhos nas redações passaram a se dar de forma remota, em muitos casos, passando a casa dos repórteres a fazer parte do cotidiano do público e a ser palco da gravação de passagens⁷. Tradições telejornalísticas careceram de transformações e as formas de transmissão de conhecimento ao público passaram a ser perpassadas por imposições do momento pandêmico. Nesta seara de reconfiguração telejornalística em tempos de pandemia, a utilização de imagens de arquivo passou a ser amplamente utilizada e recursos gráficos passaram a ser fontes constantes de ilustração de reportagens. Aqui, podemos convocar os olhares para as tecnicidades, lembrando que múltiplas gramáticas de uso foram mobilizadas na constituição do editorial e nas reverberações entre o público.

Em relação às coberturas do Jornal Nacional acerca de fatos relacionados ao coronavírus e a manifestações dos apresentadores, como foi o caso do editorial das 500 mil mortes por covid no Brasil, salientamos que o editorial como performance não está desvinculado de visões sociais e culturais e é construído com a base de elementos do telejornalismo. Da mesma forma, as reverberações da transmissão do editorial entre o público, no caso deste artigo no Twitter, não podem ser desvinculadas de conhecimentos e sensibilidades sobre o fim da vida, que são abarcados na cultura e na sociedade.

ADENTRANDO NA SEARA ANALÍTICA

Nossa abordagem sobre o editorial das 500 mil mortes por covid no Brasil como performance recai na observação dos fluxos midiáticos que são mobilizados a partir do editorial, buscando entendimento de como tem reverberações na rede social Twitter. Como já apontamos, entendemos o audiovisual, a partir do pensamento de Gutmann (2021), como um produto fluido, que repercute em diversas plataformas, com expansão de forma rizomática. Como assinala o pensamento de Mota Junior e Gutmann (2021), em relação ao videoclipe, mas podendo ser levado em consideração para pensarmos o telejornalismo: “Ele é parte de uma rede complexa de audiovisualidades, enredada por comentários, tweets, postagens no Instagram,

⁶ Negrini (2010) assinala que as visões sobre a morte têm tido transformações no decorrer do processo histórico e que têm variações de acordo com cada cultura. “A morte é uma temática dotada de complexidades. Ela é um assunto cujas reflexões, hipóteses e argumentos, fora do campo biológico, têm especificidades das características de cada cultura e, também, do período histórico em que vai ocorrer. Concepções sobre a mortalidade também podem ser influenciadas por crenças religiosas” (NEGRINI, 2010, p.13). Em relação à construção dos discursos sobre a morte em nível televisivo, especificamente no Jornal Nacional, Negrini (2020) destaca que tais discursos são forjados com base em formações culturais, sociais e históricas do Brasil, pois foram delineados nesta seara e foram construídos a partir da cultura telejornalística brasileira.

⁷ De acordo com o glossário de jornalismo do site Caso dos Focas: “**Passagem:** é quando o repórter aparece na reportagem de TV. A gravação geralmente é feita no local da notícia e traz informações adicionais” (CASO DOS FOCAS, WEB, s/p; grifo do autor).

entrevistas em canais do YouTube etc.” Desta forma, tomamos o editorial do JN em relação às 500 mil mortes por covid no Brasil como um vetor (GUTMANN, 2021) que reverbera em outras performances e que mobiliza fluxos.

Mesmo que estejamos considerando o telejornal como um produto fluido e que se expande para diversas plataformas, neste estudo estamos nos detendo nas reverberações do editorial na rede social Twitter, por considerarmos que foi neste espaço que encontramos maior potência para observação. A investigação no Twitter se deu a partir da tag: “editorial JN 500 mil mortes”. Selecionamos, para fins analíticos, três reverberações em tweets. A seleção do material se deu de forma randômica.

O editorial do JN, que foi ao ar no dia 19 de junho de 2021, começa com a apresentação de um plano aberto do estúdio do telejornal (FIGURA 1), evidenciando os dois apresentadores, William Bonner e Renata Vasconcellos, vestindo roupas pretas e com olhares sérios, o que faz referência à sobriedade, que é característica da abordagem hegemônica da morte no cenário brasileiro, e, também, à gravidade do assunto a ser abordado. Ao fundo, no telão presente no cenário, há destaque para a inscrição “EDITORIAL”, escrita em letras brancas e maiúsculas. A imagem foi sendo fechada até chegar em Bonner, que profere a primeira parte do texto do editorial.

Os apresentadores vestem preto. William usa, inclusive, gravata na cor preta. Renata veste um blazer na mesma cor usada pelo jornalista, evidenciando sentidos de luto. O uso do preto pelos apresentadores remete a tristezas, ao luto e à sobriedade – e é um elemento que compõe performance como incorporação (TAYLOR, 2013) de conhecimentos acerca da cultura da morte no Brasil, remetendo ao repertório (TAYLOR, 2013) de que o preto está relacionado a momentos fúnebres.

Para fins analíticos, estamos assumindo as materialidades telejornalística como mediação de tecnicidade e que as tecnicidades são agenciadoras de performances (GUTMANN, 2021). E concordamos com o pensamento de Gutmann (2014, p.111) de que:

Tomando o telejornal como objeto de estudo, é possível concebê-lo como um formato industrial cujas tecnicidades são as formas materiais e simbólicas de lidar com valores jornalísticos na TV (as gramáticas discursivas) e as ritualidades são os modos de constituição de um lugar de interação com o público (as gramáticas de uso).

Desta forma, achamos relevante abordar que o uso das roupas de cor preta, em um cenário com predominância da cor azul e com inscrição da palavra EDITORIAL ao fundo, é uma instância de tecnicidade que compõe o editorial do JN como performance e que é constituída por elementos ligados à cultura telejornalística e à cultura da morte. A composição de cores é uma mobilização de tecnicidade voltada a construir sentidos sobre o luto e sobre a posição do telejornal de tentar resolver o problema sanitário que o Brasil passa no momento.

No editorial, não houve alterações significativas em relação ao delineamento cotidiano do jornalístico, o que demonstra que convenções telejornalísticas se fazem presentes. E o uso de uma cor

remetendo ao luto, em composição com falas com tom sério e eloquente, demarca a constituição de uma performance de demarcação de sentidos contundentes em relação a um momento de crise sanitária, que ocasionou milhares de mortes. Cabe trazer ainda a ideia de que em coberturas de assuntos relacionados à morte, o telejornalismo, normalmente, é constituído com postura mais voltada à seriedade e à discrição por parte dos jornalistas, o que pode até ser considerado como uma espécie de convenção.

E a inscrição da palavra editorial na cor branca remete à perspectiva de que a opinião do telejornal está voltada à paz e à apresentação da verdade. Vale destacar que na cultura jornalística, o editorial está ligado ao posicionamento da empresa. E, como destacamos anteriormente, a partir do mapa das mediações (MATIN-BARBERO, 2008), uma mediação que se evidencia no processo comunicacional é a institucionalidade, que remete à posição da empresa. Aqui, é demarcado que a empresa está atuando no combate à tragédia sanitária e que busca resoluções ao problema.



FIGURA 2 – Estúdio do Jornal Nacional (Fonte: reprodução do JN/ YouTube).

Como mostra a FIGURA 1, o olhar dos apresentadores remete à seriedade. Os corpos compõem a perspectiva de que há um posicionamento contundente da emissora em relação ao momento sanitário e em relação ao delineamento político brasileiro no combate ao vírus e na compra de vacinas, dando evidência à mediação de institucionalidade. A leitura do editorial é iniciada por Bonner, que, de forma eloquente, enfatiza:

Em agosto do ano passado, quando o Brasil ultrapassou o registro escandaloso de 100 mil mortes pela covid, o Jornal Nacional se manifestou sobre essa tragédia num editorial. Parecia que o país tinha superado um limite inalcançável: 100 mil mortes. Hoje, são 500 mil, meio milhão de vidas brasileiras perdidas. O sentimento é de horror e de uma solidariedade incondicional às famílias dessas vítimas. São milhões de cidadãos enlutados. Hoje, é evidente que foram muitos e muito graves os erros cometidos. E eles estão documentados por entrevistas, declarações, atitudes, manifestações. A aposta insistente e teimosa em remédios sem eficácia. O estímulo frequente a aglomerações. A postura negociacionista e inconsequente de não usar máscara. E o pior: a recusa em assinar contratos para compra de vacinas a tempo de evitar ainda mais vítimas fatais.

As palavras proferidas pelo apresentador são carregadas da visão política da Rede Globo em relação à postura da então gestão da presidência da república brasileira frente ao combate do vírus. Como já apontamos, o editorial é perpassado fortemente pela mediação da institucionalidade. Também, cabe apontar que sensibilidades sobre a morte são evidenciadas nas palavras do apresentador, engatilhando manifestações dentre o público.

Em relação ainda às palavras de Bonner, na primeira parte do editorial, cabe destacar gesticulações dando respaldo ao que estava sendo falado, movimentos de mãos dando apoio à voz e olhar contundente,

compondo performance voltada à demonstração de indignação por parte do telejornal. O decorrer do editorial também é marcado por postura séria e por falas contundentes de Renata Vasconcellos, que, da mesma forma que Bonner, tem sua performance marcada por sobriedade, evidenciando demarcações de sensibilidades e de luto diante de tantas mortes. As falas da apresentadora também são delineadas pelo posicionamento político da Rede Globo, evidenciando a mediação da institucionalidade:

No editorial que marcou as 100 mortes, nós dissemos que era preciso apurar de quem é a culpa. Dissemos textualmente que este momento chegaria. Desde o início de maio, o senado está investigando responsabilidades. Haverá consequências. E a mais básica será de ter levado ao povo brasileiro o conhecimento sobre como e porque se chegou até aqui.

E na parte final do texto, William demarca fortemente uma performance delineada pela mediação da institucionalidade: “Nós, do jornalismo da Globo, estamos há um ano e meio, com base na ciência, cumprindo o nosso dever de informar, sem meias palavras. Muitas vezes, nós pagamos um preço por isso, com incompreensões de grupos que são minoritários, mas barulhentos”. Na medida em que destaca que a emissora está se baseando na ciência, acena para a negação vinda da parte do governo federal. O editorial todo foi marcado por ser uma performance perpassada por composição de cenário, movimentos de câmera, gesticulações, impostação vocal e movimentações corporais voltados à sensibilização do público em relação ao momento pandêmico e à demarcação de posições políticas da Rede Globo. A partir deste momento do JN, houve grande reverberação nas redes sociais e gerou diversas performances em rede (FIGURA 3; FIGURA 4; FIGURA 5; FIGURA 6), que foram perpassadas por mediações em sua constituição, como tecnicidades e sensorialidades.

Na FIGURA 3, uma postagem, composta por texto escrito e por um “gif”⁸, enfatiza as opiniões de um espectador do Jornal Nacional em relação ao editorial, evidenciado reverberação do telejornal no Twitter. O tweet traz uma performance composta por texto escrito e por um “gif” com uma senhora, com olhar de tristeza e piscando os olhos, em primeiro plano⁹. Ao fundo, há uma gesticulação de mãos masculinas, que também conforma significados. O gif evoca desaprovação em relação ao panorama sanitário do país e em relação à postura de emissora. Na postagem, cabe enfatizar a mediação de tecnicidade visualizada em relação ao uso de recursos tecnológicos para a exposição da opinião do sujeito de fala sobre o editorial. É cabível retomar aqui o pensamento de Gutmann (2021) de que corpos, enquadramentos, cenários, gestualidades, agenciam dimensões de tecnicidades e são fatores de mediação na constituição de uma performance.

Cabe assinalar, também, que o tweet é impregnado de opiniões políticas sobre a gestão política do Brasil, sobre a conduta presidencial e sobre posições da Rede Globo, que são incorporadas nas escrituras da

⁸ O site TECMUNDO define Gif: “De modo geral, o GIF é um formato de imagem, assim como o JPG e PNG. Na prática, ele pode ser utilizado tanto para imagens estáticas quanto para imagens animadas. Ao contrário do que muitos pensam, o GIF não é um vídeo e, portanto, não possui áudio” (TECMUNDO, Web, s/p).

⁹ De acordo com o site Primeiro Filme: “PRIMEIRO PLANO (PP) – A figura humana é enquadrada do peito para cima. Também chamado de ‘CLOSE-UP’, ou ‘CLOSE’” (PRIMEIRO FILME, Web, s/p).

peessoa que fez a postagem. É perceptível que o autor tem indignação com a situação e que tem tristezas em relação a ocorrência de tantas mortes. Quando ele frisa os termos 500 mil mortes e 500 mil vidas perdidas, há a visualização de perspectiva de luto pandêmico que atravessa a população brasileira.



FIGURA 3 – Tweet sobre editorial do JN das 500 mil mortes por covid (Fonte: reprodução/ Twitter).

Outra reverberação do editorial do Jornal Nacional no Twitter que cabe ser evidenciada (FIGURA 4) manifesta o tweet de uma pessoa que perdeu a mãe por covid. A performance visualizada no tweet traz a mensagem escrita: *“500 mil ausências. E uma delas é a minha mãe.; Nada nunca vai diminuir a dor de saber que ela se foi por culpa de um governo assassino”*. Nas escrituras do tweet, ao expressar sensações próprias do luto pandêmico, a autora mobiliza fluxos em relação ao tema na rede social Twitter e aciona uma reverberação do editorial do JN que mostra as sensibilidades geradas. O lado sensível que envolve a morte de um familiar é expressado pela pessoa que fez a postagem, tendo como vetor de propulsão de sensações o editorial visualizado. Aqui, é cabível retomar as ponderações de Gutmann (2021) que acenam para as tecnicidades e sensorialidades (sensibilidades) como coproduções que se habitam. Através dos usos dos artefatos e dispositivos tecnológicos para a constituição de sentidos, sensibilidades são mobilizadas e afetos são demonstrados. Como o próprio tweet evidencia, entre os 500 mil mortos está a mãe do sujeito que fala, como poderia ser a mãe ou um familiar de qualquer outro espectador, gerando identificação e mobilizando afetos.

Na fala presente no tweet da FIGURA 4 também são mobilizados sentidos de repúdio ao governo brasileiro daquele momento. Há uma demarcação de culpabilidade em relação às autoridades brasileiras pela morte da mãe da pessoa que escreveu e de todas as outras mortes. A dor da perda é ressaltada e os sentimentos da pessoa que fez a postagem é compartilhado com o público das redes sociais.

O tweet em análise (FIGURA 4) é composto pela conformação do discurso escrito com o discurso imagético de uma uma visão panorâmica do estúdio do JN no contexto do editorial. O destaque ao cenário do telejornal com enfoque aos apresentadores de preto e com postura séria reitera que o editorial desperta sentimentos de luto e de dor diante do fim da vida.



FIGURA 4 – Tweet sobre editorial do JN das 500 mil mortes por covid (Fonte: reprodução/ Twitter).

Ainda no contexto de fluxos e reverberações do editorial do JN no Twitter, uma postagem composta por textos escritos, emojis, hashtags e por um vídeo (FIGURA 5 e FIGURA 6) assinala para uma performance permeada por um caráter de desaprovação em relação às possíveis causas de propagação da pandemia no Brasil e por sensibilidades em relação ao fim da vida. A postagem mobiliza tecnicidades que são voltadas à remissão de sentidos sobre morte e luto. Antes da apresentação do texto do autor, ele coloca: #19JForaBolsonaro; #ForaBolsonaroGenocida; #JornalNacional. As hashtags convocadas remetem a fluxos da postagem em espaços de compartilhamento de informações contrárias a Jair Bolsonaro. O espriamento da postagem para tais hashtags denotam a existência de peso político no tweet e em desaprovação de condutas do então presidente em relação ao assunto.

O texto escrito assinala sensibilidades do sujeito que fala, demonstrando compartilhar dos sentimentos de tristeza que pairam pelo Brasil por tantas mortes: “O JN hoje pegou pesado mesmo, estão de parabéns... Esse editorial no fim da edição falou tudo o que está engasgado em nossos corações”. Há uma mobilização, através da esfera textual, de que o telejornal proferiu palavras que foram ao encontro dos sentimentos do público de luto.



FIGURA 5 – Tweet sobre editorial do JN das 500 mil mortes por covid (Fonte: reprodução/ Twitter).



FIGURA 6 – Tweet sobre editorial do JN das 500 mil mortes por covid (Fonte: reprodução/ Twitter).

No vídeo (FIGURA 5 e FIGURA 6), é mobilizada a imagem de um caminhão tanque com uma faixa com a escritura: MEIO MILHÃO DE MORTOS (FIGURA 5). A faixa é em cor preta e com letras brancas – sendo que o preto convoca o sentido de luto pandêmico. As imagens do vídeo são fortes e dotadas de significação, complementando a perspectiva do texto escrito de que o JN “pegou pesado” quando proferiu o editorial.

Na sequência do vídeo (FIGURA 6), é mostrado que o caminhão tanque continha um líquido vermelho, remetendo ao sangue das vítimas do coronavírus. Aqui é cabível salientar que o cenário mostrado no vídeo e que os elementos de sua composição são dimensões de tecnicidades e que mobilizam sentidos em relação ao luto e à morte. O caminhão na rua espalhando sangue demonstra que o luto está presente e que sensibiliza a população, e ainda assinala que há um “mar de sangue” nas nossas cidades e nas nossas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, cabe reiterar que vivenciamos um momento em que há desestabilizações do audiovisual efetivado em fluxo único. Gutmann (2021) assinala a existência de produtos audiovisuais não acabados e em constantes reverberações para diversas plataformas. Desta forma, publicações do Jornal Nacional sobre a pandemia do coronavírus e sobre o luto pandêmico extravasaram o espaço do telejornal e reverberaram em diversos espaços, como redes sociais, resultando em emaranhados de comentários, curtidas e compartilhamentos.

No contexto do audiovisual em rede, o editorial do JN das 500 mil mortes por covid no Brasil é uma performance que atua como vetor para outras performances, mobilizando fluxos e sensibilidades acerca da morte, além de demonstrações de luto. A constituição do próprio editorial foi permeada por mediações, como a institucionalidade, e perpassada por perspectivas hegemônicas do telejornalismo. E a observação das reverberações do editorial no Twitter sinaliza para verificarmos que o JN serve como um gatilho para gerar discussões sobre a morte e o luto pandêmico, mas que tais reverberações são mobilizadas, também, por conhecimentos, sensibilidades e costumes sobre o fim da vida, os quais têm relações com a cultura e a sociedade.

Referências Bibliográficas

- ARIÈS, P. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- ASSIS, P. **O que é tag?**. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/navegador/2051-o-que-e-tag-.htm>. Acesso em 22 de fevereiro de 2022.
- BRIGNOL, L. D. Tecnicidade e identidades migrantes: contribuições de Martín-Barbero para pesquisas sobre migrações e usos sociais das mídias. **Intexto**, Porto Alegre, n. 43, p. 119-134, set./dez. 2018.
- CASA DOS FOCAS. **Mini-Glossário de telejornalismo**. Disponível em: <https://www.casadosfocas.com.br/mini-glossario-do-telejornalismo/>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2022.
- EMERIM, C. Telejornalismo ou jornalismo para telas: a proposta de um campo de estudos. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Vol. 14 Nº 2. Florianópolis: julho a dezembro de 2017, p.113-126.
- GOMES, I. M. M.; SANTOS, T. E. F.; ARAÚJO, C. S. G.; MOTA JUNIOR, E. A.. Temporalidades Múltiplas: análise cultural dos videocliques e da performance de Figueroas a partir dos mapas das mediações e das mutações culturais. **Contracampo**, Niterói, v. 36, n. 03, dez. 2017/ mar. 2018.
- GOMES, I. Gênero televisivo como categoria cultural: um lugar no centro do mapa das mediações de Jesús Martín-Barbero. In: **Famecos – mídia, cultura e tecnologia**, v.18, n.1. Porto Alegre: 2011a, p.111-130.
- GOMES, It. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. **Revista ECompós**, Porto Alegre, v.18, no. 1, p. 111-130, janeiro – abril de 2007.
- GUTMANN, J.F. Entre tecnicidades e ritualidades: formas contemporâneas de performatização da notícia na televisão. **Galaxia (São Paulo, Online)**, n. 28, p. 108-120, dez. 2014.
- GUTMANN, J. F. Sobre performance e historicidade: uma abordagem estética e cultural da MTV Brasil. In: **Revista E-Compós**, V. 18, ed. maio-agosto 2015. Brasília: E-Compós, 2015. P.1-16.
- GUTMANN, J. **Audiovisual em rede: derivas conceituais**. - Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021. - (Ensaíos; v. 1). 104p.
- KOURY, M. G. P. **Sociologia da emoção: o Brasil urbano sob a ótica do luto**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- LOPES, M. I. V. Jesús Martín-Barbero e os mapas essenciais para compreender a comunicação. **Intexto**, Porto Alegre, n. 43, p. 14-23, set./dez. 2018.
- NEGRINI, M. A morte em horário nobre: a espetacularização da notícia no telejornalismo brasileiro. **Tese** defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do RS, 2010.
- NEGRINI, M. **A morte no telejornalismo: as relações de temporalidade e cultura nos discursos do Jornal Nacional**. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2020. v. 1. 156p
- MARTÍN-BARBERO, J. Pistas para entre-ver meios e mediações. In: MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e sociedade**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. p. 11-21.
- MARTÍN-BARBERO, J. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton de (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 39-68.
- MOTA JUNIOR, E. A.; GUTMANN, J. F. . #EstamosVivas: corpo travesti em performances no videoclipe Oração de Linn da Quebrada. **ESFERAS**, p. 13-23, 2021.
- RONSINI, V. M. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In: 19º Encontro Anual da COMPÓS, 2010, Rio de Janeiro. **Anais do 19º Encontro Anual da Compós**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010. p. 1-15.
- SANTOS. T. E. F. Cultura política brasileira no telejornalismo do horário nobre. 2014. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea). Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Salvador.
- SCHECHNER, R. **Performance studies: an introduction**. 2 ed. New York: Routledge, 2006.
- SILVA, R. A. Entre "artes" e "ciências": a noção de performance e drama no campo das ciências sociais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 35-65, jul./dez. 2005.
- TAYLOR, D. **O Arquivo e o Repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- WILLIAMS, R. **Television. Technology and Cultural Form**, 2ª, London: Routledge, 1997.
- WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.
- YOUTUBE. **Editorial do Jornal Nacional marca 500 mil mortes pela Covid-19 no Brasil e responsabiliza Bolsonaro**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HCAzPW1H498>. Acesso em 19 de fevereiro de 2022.